

PAULO AFONSO, SONHO DO PASSADO E REALIDADE DO PRESENTE

A visita do Presidente Costa e Silva à Usina da Hidrelétrica do São Francisco

Como coroamento aos festejos do 20º aniversário de sua criação, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco programou a inauguração da 6ª unidade geradora da "Paulo Afonso II", que é a nona do Sistema de Paulo Afonso, e que, a título experimental, já vinha funcionando desde dezembro do ano findo.

Com a presença do Ministro Costa Cavalcanti, das Minas e Energia, Congressistas, Governadores do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Bahia, Deputados Estaduais, Presidente da ELETROBRAS, oficiais-generais do Exército, Marinha e Aeronáutica, e após a bênção procedida pelo vigário local, o Sr. Presidente Costa e Silva acionou a chave que pôs o gerador em funcionamento, sob aplauso dos presentes.

Após o ato inaugural e depois de haver percorrido as instalações das duas Casas de Fôrça, S. Exa. o Sr. Presidente da República passou ao canteiro de obras da "Paulo Afonso III", onde o Eng. Amaury Alves Menezes, Diretor-Técnico da CHESF, fez detalhada e completa explanação sobre o andamento das obras.

Ao término da visita, num palanque armado à beira do "cañon", em posição feliz, de vez que dominava a vasta esplanada onde se apinhava grande parte do operariado, funcionários e convidados. Falaram o Dr. Apolonio Sales, Presidente da CHESF e, em nome do Sr. Presidente da República, o Ministro Costa Cavalcanti.

Ponto alto da cerimônia foi a declaração do Ministro das Minas e Energia definindo a firme resolução do Governo de apoio ao prosseguimento das obras de Paulo Afonso e autorizando a construção de uma barragem reguladora do rio, cêrca de quatro quilômetros a montante da atual.

Essa solução, que se encontra em fase final de exame por uma Comissão Interministerial, para esse fim nomeada, virá assegurar à CHESF o pleno funcionamento da terceira Casa de Força, com suas quatro unidades geradoras de 206 MW cada uma, possibilitando, por sua vez, em horas de ponta, um refôrno adicional de energia, da ordem de um milhão de quillowatts, que serão aproveitados oportunamente.

Sobre esse particular pronunciou-se o Ministro das Minas e Energia em seu discurso, de que destacamos os seguintes trechos :

OUTRA USINA

"Cabe-me também a honra de anunciar nesta oportunidade que, além da terceira Casa de Força da Usina de Paulo Afonso, de acôrdo com a orientação do Excelentíssimo Senhor Presidente da República e levando em conta as recomendações do Grupo de Trabalho Interministerial, autorizei a CHESF a iniciar imediatamente a execução do projeto da Usina de Moxotó, distante apenas quatro quilômetros dêste local, no curso principal do rio São Francisco, e que representará um aporte adicional de pelo menos 1.000.000 kw ao sistema do Nordeste. Além de se constituir em valioso agente regularizador da vazão dêste rio, propiciará o nôvo Projeto o aumento considerável da capacidade geradora de Paulo Afonso.

OTIMISMO

Nenhum local mais significativo e próprio para crermos no Brasil, na nossa gente e no nosso operário, na capacidade de nossos técnicos, engenheiros, empresários, do que nas barrancas desta monumental Cachoeira de Paulo Afonso, hoje transformada em fonte geradora e impulsionadora do progresso dêste Nordeste que já está em marcha acelerada.

Nós, Senhor Presidente Costa e Silva, como Vossa Excelência, somos otimistas e deixamos todos esta magnífica e impressionante Hidrelétrica do São Francisco, acreditando cada vez mais no Grande Brasil de Amanhã".

Após a cerimônia, o Presidente da República, que ficou hospedado na residência da Diretoria da CHESF, participou de um banquete de 300 talheres, oferecido pela Empresa aos convidados, às autoridades, funcionários e famílias.

De acôrdo com as declarações do Presidente da CHESF e, de passagem, com o que foi verificado pela nossa reportagem, os trabalhos de ampliação da Usina de Paulo Afonso estão sendo executados em ritmo extraordinariamente acelerado.

Diz o Senhor Apolonio Sales :

"O potencial energético do São Francisco, na área de concessão da CHESF, é uma garantia para o desenvolvimento agrícola e industrial do Nordeste, por mais otimistas que sejam as previsões. Mais de doze milhões de quilowatts se admitem nas soluções que se antevêm, de Sobradinho ao Xingó, num estirão do rio da ordem de 400 quilômetros.

Água e desnível não faltam para os projetos que os engenheiros brasileiros venham a planejar e tentem executar.

Se este é o panorama a médio prazo da evolução energética da área, justo é que se assegure que a CHESF, dentro da entrosagem harmônica do Ministério das Minas e Energia, da ELETROBRÁS e da SUDENE, está absolutamente atenta às necessidades do momento histórico da evolução nordestina.

Admitindo o crescimento reconhecidamente lisonjeiro da demanda na área, até 1970 as disponibilidades de energia já captadas da cachoeira atendem perfeitamente.

Nesse ano, no final do período, impõe-se que nova fonte de energia esteja à disposição dos consumidores. É o de que cuida agora a CHESF, empenhada na construção da terceira Usina — (Paulo Afonso III) — cujas obras, em andamento, prosseguem em ritmo de 24 horas de trabalho por dia. Para tal programa, tem contado com o apoio financeiro maciço da ELETROBRÁS. A etapa da "Paulo Afonso III" consta de uma usina subterrânea: (82 metros abaixo do nível do rio) comportando 4 unidades de 206 MW efetivos cada uma, com o correspondente reforço do sistema de transmissão. Prevê-se uma nova linha de 230 mil volts para Salvador, outra de igual tensão para Recife e uma para Campina Grande, servindo ao Rio Grande do Norte e à Paraíba. Pela primeira vez, uma linha de tensão de 400 mil volts constituirá o tronco Paulo Afonso-Angelim, de onde saem as linhas para Recife, Maceió, Campina Grande, Santa Cruz e Natal.

Constará também no reforço da capacidade transformadora das subestações, que já a esta hora é da ordem de 1 milhão e trezentos mil kVA.

O sistema de transmissão da CHESF, nesta altura, já passa de 8.259 quilômetros. Com as obras da terceira etapa se avizinhará de 10 mil quilômetros.

Devo esclarecer que este surto expansionista da CHESF se deve às diretrizes do Governo, expressas nas determinações do Senhor Ministro das Minas e Energia, General Costa Cavalcanti, bem como nas diretrizes e apoio financeiro da ELETROBRAS, sob a direção esclarecida e serena do Engenheiro Mário Penna Bhering".

Prosseguindo nas suas explicações, o Dr. Apolonio Sales repetiu com ênfase :

"Não tenho qualquer receio de que venha a faltar energia à crescente demanda do Nordeste. No cronograma de obras, que estamos superando, graças às providências tomadas em tempo, estaremos, no final do ano de 1970 com a primeira das quatro unidades geradoras novas de 206 MW em funcionamento. As outras três seguir-se-ão em intervalos convenientes.

A obra admirável da SUDENE não terá contra si o "handicap" da falta de energia. A SUDENE, a CHESF e o Banco do Nordeste se completam numa harmônica obra de Governo, em prol do desenvolvimento do Nordeste".

Perguntado sobre o custo das obras em andamento, foi preciso na resposta :

"Para esta terceira etapa da CHESF foram conseguidos 29 e meio milhões de dólares, assegurados em empréstimo no Banco Interamericano de Desenvolvimento. A segunda etapa teve também o financiamento de 15 milhões de dólares no mesmo Banco

A parte em cruzeiros está sendo provida pela ELETROBRAS, em aplicações que irão até 54 milhões de cruzeiros novos de financiamento, além de investimento dos dividendos da CHESF que cabem a "holding", durante os anos da obra, num total de 56 milhões.

A SUDENE, por sua vez, e o Ministério das Minas e Energia, com os recursos postos no orçamento pelos dignos Deputados nordestinos, financiam o sistema de transmissão em tensões mais baixas, possibilitando a presença da CHESF

em números cada vez maiores de comunidades humanas. Nesta altura, já mais de setecentas localidades, ou seja, mais de sete milhões de nordestinos se beneficiam da CHESF".

Por último o repórter abordou o Presidente da CHESF sôbre a falada barragem de Moxotó. Absorvido pelas inúmeras solicitações decorrentes da presença de mais de uma centena de personalidades às festas da inauguração, nem por isso tardou a resposta :

"A solução dita Moxotó, que melhor deveria ser chamada de "Solução Paulo Afonso IV", consiste numa barragem reguladora da vasão do rio para as horas de ponta. Uma solução que não interfere, antes completa e aperfeiçoa, a regularização definirá a permanente do rio, a ser feita em Sobradinho, como, no meu entender, os estudos finais decidirão.

Consiste numa represa de vinte metros de altura na linha da barragem, a ser construída a três quilômetros da atual Usina de Paulo Afonso.

O remanso desta represa apenas atingirá as lindes à jusante de Itaparica, assegurando um armazenamento de água para as horas de ponta, da ordem de 800 milhões de metros cúbicos. Esta água, a ser vertida nas horas de maior demanda, garante a vasão necessária para a plenitude do funcionamento da Usina "Paulo Afonso III", dando tempo a que se conclua a regularização do rio na solução regularizadora escolhida.

O escoamento desta água, por sua vez, comportará a instalação de 15 unidades de 70 MW cada, funcionando como de usina base e de ponta, no tocante a algumas unidades. Regularizando o rio, a montante, a Usina de Moxotó, ou melhor, "Paulo Afonso IV" passará a funcionar exclusivamente como usina de base, com capacidade de 1 milhão e 50 mil quillowatts, adicionais ao que se obterá na cachoeira".

O ex-Senador não escondia o seu entusiasmo, principalmente depois que o Ministro Costa Cavalcanti, com o assentimento do Presidente Costa e Silva, assegurou que tal projeto seria levado adiante pelo Governo.